


## **Entre contos e feitiços: mediação literária e autoria estudantil em turmas do ensino fundamental II**


### ***Between Tales and Spells: Literary Mediation and Student Authorship in Middle School Classes***

### ***Entre cuentos y conjuros: mediación literaria y autoría estudiantil en clases de educación secundaria básica***


Ana Carolina Morais de Souza

 0009-0009-9647-6073 <sup>1</sup>

Rafaela Martinelli Dourado<sup>2</sup>

 0009-0003-0425-362X

Sandra Espíndola Macena<sup>3</sup>

 0000-0002-0462-9119

**RESUMO:** Este artigo analisa uma experiência de mediação literária realizada durante o estágio de regência em turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental II em uma escola municipal de Dourados-MS. A proposta buscou aproximar estudantes à literatura infantojuvenil contemporânea por meio da leitura compartilhada de *Cinderela e o baile dela*, de Janaina Tokitaka (2023), e *A bruxa do breu*, de Mari Bigio (2022), articulando-as à produção textual autoral e ao uso de jogos de tabuleiro. As atividades incluíram rodas de conversa, reescritas criativas e jogos pedagógicos elaborados pelas autoras, que ampliaram o envolvimento dos alunos e possibilitaram práticas de autoria crítica. A análise dos registros revelou que a representatividade racial presente nas ilustrações, bem como a problematização de padrões de beleza e situações de *bullying*, emergiram como temas centrais nas discussões. Do ponto de vista teórico, o estudo apoia-se em Andruetto (2017), Bajour (2012), Cosson (2021), Rojo (2009), Zilberman (1984), Machado (2002), Freire (1979) e Candido (2004), reafirmando a literatura como direito humano e prática social. Os resultados evidenciaram que, quando mediada de forma crítica, criativa e lúdica, a literatura escolar pode constituir espaço de pertencimento, resistência e transformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação literária; Letramento literário; Uso de jogos no ensino.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Habilitação Português-Espanhol na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. [anacarinamoraissouza@gmail.com](mailto:anacarinamoraissouza@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Habilitação Português-Espanhol na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. [rafaelamartinellido@gmail.com](mailto:rafaelamartinellido@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. [sandraesp@uems.br](mailto:sandraesp@uems.br)

**ABSTRACT:** This article analyzes a literary mediation experience carried out during a teaching practicum in 6th and 7th-grade classes at a municipal school in Dourados, Brazil. The proposal sought to bring students closer to contemporary children's literature through shared readings of *Cinderela e o baile dela* by Janaina Tokitaka (2023) and *A bruxa do breu* by Mari Bigio (2022), combined with creative writing activities and the use of educational board games. The practices included discussion circles, student rewritings of traditional tales, and games specially designed by the authors, which expanded student engagement and fostered critical authorship. Analysis of classroom records revealed that racial representation in the illustrations, as well as the problematization of beauty standards and bullying, emerged as central themes in the discussions. The theoretical framework is grounded in Andruetto (2017), Bajour (2012), Cosson (2021), Rojo (2009), Zilberman (1984), Machado (2002), Freire (1979), and Candido (2004), reaffirming literature as a human right and cultural practice. Results show that, when mediated critically, creatively, and playfully, school-based literature can become a space of belonging, resistance, and transformation.

**KEYWORDS:** Literary mediation; Literary literacy; Use of games in teaching.

**RESUMEN:** Este artículo analiza una experiencia de mediación literaria realizada durante la práctica de regencia en clases de 6º y 7º grado de una escuela municipal de Dourados, Brasil. La propuesta buscó aproximar a los estudiantes a la literatura infantil y juvenil contemporánea mediante la lectura compartida de *Cinderela e o baile dela*, de Janaina Tokitaka (2023) y *A bruxa do breu*, de Mari Bigio (2022), articulándolas con actividades de escritura creativa y el uso de juegos pedagógicos. Las prácticas incluyeron círculos de discusión, reescrituras de cuentos tradicionales y juegos especialmente diseñados por las autoras, que ampliaron la participación de los alumnos y favorecieron la autoría crítica. El análisis de los registros de aula reveló que la representación racial en las ilustraciones, así como la problematización de los estándares de belleza y del bullying, surgieron como temas centrales en los debates. El marco teórico se fundamenta en Andruetto (2017), Bajour (2012), Cosson (2021), Rojo (2009), Zilberman (1984), Machado (2002), Freire (1979) y Candido (2004), reafirmando la literatura como derecho humano y práctica cultural. Los resultados muestran que, cuando es mediada de forma crítica, creativa y lúdica, la literatura escolar puede constituirse en un espacio de pertenencia, resistencia y transformación.

**PALABRAS CLAVE:** Mediación literaria; Literacidad literaria; Uso de juegos en la enseñanza.

## Introdução

A ideia de uma suposta crise da leitura literária na escola é recorrente no debate educacional brasileiro, seja em discursos midiáticos, seja em produções acadêmicas. Afirma-se, com frequência, que os jovens e crianças leem cada vez menos, em comparação com uma imaginária “idade de ouro” da leitura.

Esse diagnóstico, entretanto, sustenta-se mais em percepções nostálgicas do que em dados consistentes, desconsiderando transformações históricas, como a universalização do ensino e a ampliação do acesso escolar para grupos sociais que antes não eram contemplados. A frase “antes se lia mais” ignora fatores materiais e

sociais, responsabilizando injustamente a escola e o professor pelo suposto afastamento dos estudantes em relação aos livros (Andruetto, 2017).

Ao mesmo tempo, não se pode negar que a relação da escola com a literatura é atravessada por tensões. Em muitos contextos, a leitura ainda aparece como atividade obrigatória, vinculada a listas de obras clássicas que, embora fundamentais para a tradição literária, frequentemente se distanciam dos repertórios culturais das crianças e adolescentes.

Soma-se a isso a didatização excessiva de textos literários, que reduz a experiência estética a exercícios de identificação de personagens ou reconhecimento de recursos formais. Dessa forma, em vez de abrir horizontes de fruição e autoria, a escola acaba reforçando o desinteresse dos estudantes pela literatura.

É nesse contexto que a literatura infantojuvenil contemporânea ganha relevância, pois oferece possibilidades de mediação que dialogam com a realidade dos alunos e rompem com modelos engessados. Narrativas como *Cinderela e o baile dela* (Tokitaka, 2023), e *A bruxa do breu* (Bigio, 2022), reconfiguram gêneros tradicionais — o conto de fadas e a poesia rimada —, propondo novos arranjos narrativos, linguísticos e estéticos. Essas obras podem funcionar como disparadoras de leitura crítica, escrita criativa e performance literária, promovendo não apenas a análise formal dos textos, mas também a autoria e a circulação cultural das produções escolares.

O presente artigo tem por objetivo analisar uma experiência de mediação literária desenvolvida em estágio de regência em turmas de 6º e 7º ano de uma escola municipal de Dourados-MS. Buscou-se investigar como a leitura compartilhada e a recriação dessas obras contemporâneas contribuíram para a formação de uma comunidade de leitores e autores, ao mesmo tempo em que tensionaram a visão da literatura como simples obrigação curricular. Mais especificamente, interessa discutir os processos de escolha das obras, os usos pedagógicos construídos em sala de aula e os modos de mediação que culminaram em livros coletivos e momentos públicos de leitura.

Metodologicamente, trata-se de um relato analítico de experiência com

abordagem qualitativa, apoiado em registros de aula, planejamentos de regência e produções textuais dos alunos. O foco não está em medir quantitativamente resultados, mas em compreender como determinadas práticas pedagógicas possibilitaram experiências de leitura e escrita literária mais próximas da fruição, da autoria e da criação coletiva. Esse percurso será examinado criticamente, considerando tanto os avanços quanto os limites e desafios observados no trabalho em sala de aula.

Do ponto de vista teórico, o estudo inscreve-se no campo da educação literária, conforme formulado por Andruetto (2017) e Bajour (2012), e dialoga com o conceito de letramento literário, trabalhado por Rojo (2009) e Cosson (2021). Além disso, apoia-se nas reflexões de Zilberman (1984) e Machado (2002) acerca da literatura infantojuvenil, bem como em contribuições de Paulo Freire (1979) e Antônio Candido (2004) sobre a dimensão social da leitura e da escrita. Esses referenciais sustentam a compreensão da literatura como direito e como prática cultural, cuja potência reside em formar leitores críticos e criadores, capazes de reconhecer-se como sujeitos de linguagem.

Dessa forma, esta introdução delinea os eixos centrais do trabalho: a problematização do discurso da crise da leitura, a valorização da literatura infantojuvenil contemporânea como alternativa pedagógica, a análise da experiência de mediação em estágio de regência e a fundamentação teórica que permite interpretar seus efeitos. Nos tópicos seguintes, detalharemos os procedimentos metodológicos, as práticas desenvolvidas com os estudantes e a análise das produções resultantes, buscando contribuir para o debate sobre as possibilidades de escolha, uso e mediação da literatura no contexto escolar.

## **Fundamentação**

A discussão sobre leitura literária na escola exige um diálogo com o campo da educação literária, que, segundo Andruetto (2017), deve ser entendida não como imposição de conteúdos, mas como um processo de formação de leitores críticos e criativos. Para a autora, a literatura só faz sentido quando circula como prática

cultural, conectada ao cotidiano e aos afetos dos estudantes. Esse olhar permite deslocar a ênfase do que é considerado “obrigatório” ler para a pergunta sobre como a literatura pode provocar experiências transformadoras de linguagem, imaginação e mundo.

Nessa mesma direção, Bajour (2012) valoriza o papel da escuta na mediação da leitura, compreendendo-a como condição para que os textos reverberem na vida dos leitores. O mediador, ao escutar, reconhece as leituras singulares dos estudantes e abre espaço para múltiplas interpretações. Isso implica conceber a sala de aula como comunidade leitora, em que a autoridade docente não silencia as vozes, mas atua como ponte entre a obra e a experiência dos alunos. Essa perspectiva será central na análise da culminância com rodas de conversa e performances realizadas nas turmas de 6º e 7º ano.

O conceito de letramento literário, desenvolvido por Cosson (2021), é igualmente fundamental. Para o autor, não basta que os alunos decodifiquem textos ou demonstrem conhecimento formal sobre gêneros; é necessário que sejam capazes de vivenciar a literatura em sua dimensão estética e cultural. Isso implica compreender como os textos literários produzem sentidos, como se relacionam com a tradição e como dialogam com os repertórios contemporâneos. A proposta de reescrita de *Cinderela* e de criação de narrativas inspiradas em *A bruxa do breu* se inscreve nesse horizonte: formar sujeitos de linguagem que possam se apropriar da literatura como prática de autoria.

Rojo (2009), ao discutir os múltiplos letramentos, enfatiza a necessidade de considerar a diversidade de linguagens e suportes presentes no cotidiano dos alunos. A leitura literária, nesse sentido, não deve ser vista como oposta às novas mídias ou práticas culturais, mas como experiência que dialoga com elas. Trabalhar versões contemporâneas de contos e poemas rimados permite tensionar o cânone e legitimar vozes que reescrevem tradições, integrando-se ao repertório híbrido que compõe a cultura juvenil. Esse aporte teórico ilumina o caráter criativo e multimodal das atividades propostas, que uniram texto escrito, oralidade e ilustração.

O campo da literatura infantojuvenil, por sua vez, tem sido objeto de estudos de autoras como Zilberman (1984) e Machado (2002). Zilberman destaca que a

literatura destinada a crianças e jovens cumpre papel crucial na constituição de leitores, mas que sua legitimidade acadêmica e escolar foi historicamente subestimada. Machado, por outro lado, defende que os clássicos devem ser apresentados desde cedo, mas sempre mediados de forma que despertem prazer e reconhecimento, não obrigação. Nesse cruzamento entre tradição e inovação, obras contemporâneas como as de Tokitaka e Bigio aparecem como escolhas pedagógicas potentes, pois tensionam narrativas canônicas ao mesmo tempo em que valorizam o protagonismo infantojuvenil.

Por fim, é indispensável recuperar as reflexões de Freire (1979) e Candido (2004), que situam a literatura no campo dos direitos humanos e sociais. Freire enfatiza a leitura como prática de liberdade, capaz de articular palavra e mundo. Candido, por sua vez, afirma que a literatura é um direito inalienável, pois humaniza e amplia a percepção da realidade. Essa fundamentação legitima a proposta deste artigo: compreender a mediação literária na escola pública não como simples técnica didática, mas como gesto político e cultural de garantia de acesso, autoria e participação simbólica.

## Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um relato analítico de experiência com abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito do estágio de regência em Língua Portuguesa em uma escola municipal de Dourados-MS, no ano letivo de 2025. A investigação busca compreender como a mediação literária, articulada à produção criativa e ao uso de jogos pedagógicos, pode contribuir para a formação de leitores críticos e autores em turmas do ensino fundamental II.

O contexto de aplicação abrangeu duas turmas de 6º ano e uma de 7º ano. Para o 6º ano, trabalhou-se a obra *Cinderela e o baile dela*, de Janaina Tokitaka, em diálogo com a versão clássica do conto. No primeiro encontro, realizou-se a leitura compartilhada do livro, seguida de debate coletivo, culminando na produção de versões alternativas da personagem Cinderela, recriadas pelos alunos como “Cinderela kpopper”, “gamer”, “skatista”, “jogadora de futebol”, entre outras. No

segundo encontro, aplicou-se o jogo de tabuleiro *Fuga do Baile Dela*, criado especialmente para essa sequência didática, em que os estudantes, organizados em grupos, percorreram setores temáticos do baile, enfrentando cartas de interpretação, improviso e reviravoltas narrativas.

No 7º ano, a obra escolhida foi *A bruxa do breu*, de Mari Bigio. No primeiro encontro, após a leitura dramatizada e o debate coletivo, discutiram-se sobretudo os temas ligados a padrões de beleza, injustiças e situações de *bullying* — questão sensível em uma turma com histórico desse problema. Como desdobramento, os estudantes produziram parágrafos em primeira pessoa, assumindo a voz da Bruxa do Breu e protestando contra a desvalorização recebida em comparação às princesas. No segundo encontro, aplicou-se o jogo de tabuleiro *A Bruxa do Breu: O Show da Revolta*, também elaborado como recurso pedagógico, no qual os alunos precisaram atravessar a “Floresta do Breu” e enfrentar provas ligadas à coragem, autenticidade e humor

. Em ambos os anos, a culminância do processo se deu pela dinâmica lúdica e coletiva do jogo, que serviu tanto como avaliação formativa quanto como espaço de cooperação e competição saudável. Todos os participantes receberam brindes (doces), e os vencedores de cada turma foram premiados com um chocolate especial, gesto simbólico que reforçou o envolvimento e a motivação dos estudantes. Assim, a proposta articulou leitura crítica, produção textual autoral e ludicidade, criando um percurso que uniu análise, criação e vivência coletiva.

O corpus de análise foi composto pelos planejamentos de regência, pelos manuais dos jogos, pelas produções literárias dos alunos e pelos registros das práticas realizadas em sala. A triangulação entre esses materiais permitiu avaliar as potencialidades e desafios da gamificação como estratégia de mediação literária. A análise será conduzida à luz de referenciais teóricos do campo da educação literária (Andruetto, 2017; Bajour, 2012), do letramento literário (Cosson, 2021; Rojo, 2009) e dos estudos sobre literatura infantojuvenil (Machado, 2002; Zilberman, 1984), buscando compreender de que modo tais práticas podem ampliar a experiência estética e a autoria estudantil.

## Análise

A experiência com as turmas de 6º ano teve início com a leitura compartilhada do livro *Cinderela e o baile dela*, de Janaina Tokitaka, seguida pela comparação com a versão clássica do conto. Desde o primeiro contato, os alunos se mostraram atraídos pela proposta da narrativa, em especial pelo tom bem-humorado e pelas ilustrações da obra. O encantamento com o objeto-livro foi evidente: o manuseio dos exemplares e o contato com as imagens despertaram curiosidade, risadas e comentários imediatos. Fazendo com que os alunos manifestassem seus desejos pela leitura compartilhada com as professoras. Esse dado revela a importância de garantir o acesso físico e sensorial às obras literárias, algo frequentemente negligenciado em práticas escolares centradas apenas em resumos ou trechos isolados.

Na roda de conversa que se seguiu, os estudantes foram incentivados a refletir sobre as diferenças entre a versão tradicional da Cinderela e a reinterpretação proposta por Tokitaka (2023). Questões como autonomia feminina, subversão de papéis sociais e comicidade estiveram no centro das discussões. Ao invés de se limitarem a identificar “o que mudou” ou “o que permaneceu”, os alunos avançaram para interpretações críticas sobre por que a autora decidiu criar uma versão alternativa da personagem, relacionando-a com valores contemporâneos. Isso demonstra que a literatura infantojuvenil contemporânea pode atuar como gatilho para o letramento literário quando mediada de forma dialógica.

Vale destacar também que dos primeiros aspectos levantados pelos alunos na roda de conversa foi a questão da representatividade. A obra *Cinderela e o baile dela* é ilustrada majoritariamente com personagens negros — a protagonista, o príncipe, a fada madrinha e até as irmãs. Esse dado chamou a atenção das turmas como um diferencial em relação à versão canônica, marcada por padrões eurocêntricos. Muitos estudantes comentaram que nunca tinham lido uma versão da história com esse protagonismo, associando a mudança a um gesto de valorização da diversidade.

Esse reconhecimento imediato evidencia que, quando a literatura

infantojuvenil contempla outras identidades, ela provoca não apenas reflexão estética, mas também deslocamentos sociais e simbólicos que dialogam com as vivências dos leitores. Tal percepção aproxima-se da concepção de Rojo (2009), ao enfatizar que os múltiplos letramentos exigem integrar repertórios culturais diversos, legitimando vozes historicamente marginalizadas. Também ressoa a defesa de Candido (2004) de que a literatura é um direito humano inalienável, cujo exercício só se concretiza plenamente quando a diversidade de sujeitos pode se reconhecer nas narrativas.

A produção textual subsequente, recriando a protagonista a partir dos repertórios culturais dos alunos, evidenciou forte engajamento. As versões de Cinderela como “kpopper”, “boiadeira”, “gamer” ou “jogadora de futebol” não foram simples caricaturas, mas inserções identitárias que traduziram gostos, estilos de vida e sonhos dos próprios estudantes. Esse exercício permitiu que cada aluno se visse dentro da narrativa, exercitando autoria e afirmando sua voz cultural. Ao recontar a história, os alunos praticaram simultaneamente análise crítica do modelo narrativo e reinvenção criativa, aspectos centrais da educação literária.

No segundo encontro, o jogo *Fuga do Baile Dela*<sup>4</sup> trouxe um novo patamar de envolvimento. O tabuleiro colorido, as cartas ilustradas e as mecânicas de sorte, revés e improviso provocaram grande entusiasmo na turma. Os alunos se surpreenderam ao saber que o jogo havia sido elaborado pelas professoras em formação, e essa descoberta gerou um sentimento de reconhecimento: perceberam que a literatura pode extrapolar o texto escrito e se transformar em experiências lúdicas. Durante as rodadas, observou-se a participação ativa de todos, com destaque para os momentos de improviso narrativo e para a cooperação entre os grupos.

Um aspecto de inclusão merece destaque: um aluno autista da turma, que tem especial interesse por jogos de tabuleiro, demonstrou grande alegria ao participar. Seu sorriso constante e sua interação espontânea durante o jogo foram observados por colegas e professoras como momento de plena integração. Isso reforça a potência do recurso lúdico não apenas como mediador da leitura, mas

---

<sup>4</sup> Jogo de tabuleiro especialmente desenvolvido para este momento.

também como ferramenta de acolhimento das diferenças. A atividade, portanto, não apenas consolidou a compreensão da obra, mas também fortaleceu vínculos sociais e emocionais entre os estudantes.

A professora orientadora destacou, entretanto, um aspecto que poderia ser aprimorado em futuras aplicações: o tamanho e a visibilidade do tabuleiro. No modelo utilizado, confeccionado em formato tradicional e disposto sobre uma mesa no centro da sala, apenas os alunos próximos conseguiam acompanhar diretamente os movimentos das peças, o que limitou a imersão coletiva.

Como alternativa, sugeriu-se a impressão de um tabuleiro ampliado, fixado no quadro, com peões imantados ou adaptados de forma a permitir que todos visualizassem com clareza o andamento da partida. Dessa forma, a dimensão lúdica seria potencializada, já que a participação não dependeria apenas das cartas – que, no formato atual, constituíram o principal elemento de engajamento –, mas também da observação compartilhada do percurso no tabuleiro.

Com a turma de 7º ano, o trabalho partiu da leitura dramatizada de *A bruxa do breu*, de Mari Bigio. Desde os primeiros versos, os estudantes mostraram-se receptivos à musicalidade e ao humor ácido e divertido da história. As ilustrações também chamaram a atenção, funcionando como porta de entrada para discussões sobre identidade, aparência e padrões de beleza presentes na sociedade. Em uma turma marcada por histórico de *bullying*, a obra encontrou terreno fértil para provocar reflexões coletivas. Muitos alunos se reconheceram nos questionamentos levantados pela bruxa marginalizada, especialmente no contraste com as princesas laureadas.

O debate coletivo que se seguiu focou nas injustiças presentes na narrativa e nas relações com o cotidiano escolar. Questões como discriminação, exclusão social e padronização estética emergiram espontaneamente das falas dos alunos. A discussão criou um espaço de escuta mútua, no qual experiências pessoais puderam ser verbalizadas de forma indireta, por meio da mediação literária. A literatura, nesse caso, cumpriu a função de espelho e lente crítica, permitindo que os estudantes elaborassem percepções sobre suas próprias realidades em um ambiente protegido.

A produção textual solicitada consistiu em escrever, em primeira pessoa, um parágrafo no qual cada estudante assumia a voz da Bruxa do Breu para protestar contra os prêmios recebidos em comparação aos das princesas. Os textos resultantes foram carregados de indignação e ironia, com muitos alunos explorando recursos de humor e zombaria.

Essa atividade demonstrou que, quando se identificam com o ponto de vista da personagem, os estudantes produzem textos mais expressivos e autênticos, aproximando-se da escrita como prática de resistência. Ao tomar a palavra em nome da bruxa, os alunos também ressignificaram a experiência de exclusão, transformando-a em narrativa de denúncia e afirmação.

As falas dos estudantes, ao relacionarem a marginalização da Bruxa do Breu às experiências de *bullying* vividas na própria escola, evidenciaram a potência da literatura como mediadora de questões sociais sensíveis. Ao se reconhecerem na personagem excluída, muitos alunos verbalizaram situações de discriminação estética e de exclusão, encontrando no texto um espaço protegido para elaborar tais vivências.

Esse movimento pedagógico dialoga diretamente com a perspectiva freireana da leitura como prática de liberdade (Freire, 1979), pois permitiu que os alunos ressignificassem injustiças por meio da palavra literária. Além disso, confirma a importância da escuta destacada por Bajour (2012), para quem o mediador deve legitimar interpretações singulares e criar condições para que os leitores se expressem a partir de seus repertórios. Assim, a atividade não apenas reforçou o vínculo estético com a obra, mas também possibilitou uma prática de autoria crítica, em que a indignação da bruxa se tornou metáfora para resistências cotidianas.

No encontro seguinte, o jogo *A Bruxa do Breu: O Show da Revolta* foi aplicado como continuidade da mediação. O tabuleiro, as cartas de “Prova do Show” e de “Injustiça no Ar” proporcionaram situações de humor e crítica, fazendo com que os estudantes revisitassem os temas trabalhados no livro de forma lúdica e performática. O desafio de acumular pontos de coragem, autenticidade e humor não apenas mobilizou os alunos cognitivamente, mas também reforçou valores como resistência e autenticidade diante das normas sociais. O entusiasmo com a estética

do jogo foi evidente, sobretudo porque os alunos perceberam que ele havia sido criado pelos próprios professores em formação.

Ao final da experiência, a professora regente destacou sua surpresa com o impacto das atividades, demonstrando interesse em compartilhar os jogos e as propostas de leitura com outras turmas e escolas. O reconhecimento institucional da prática confirma seu potencial de replicabilidade e de contribuição efetiva para o ensino de literatura. Mais do que um momento isolado, a experiência evidenciou caminhos possíveis para a inserção de práticas inovadoras que articulam leitura crítica, produção textual e ludicidade no cotidiano escolar.

As três experiências analisadas — duas no 6º ano e uma no 7º ano — apontam para a potência da articulação entre literatura e ludicidade como estratégia de mediação escolar. O acesso direto aos livros, com suas ilustrações e narrativas cativantes, foi central para despertar o interesse dos alunos, desmistificando a ideia de que crianças e adolescentes rejeitam a leitura literária. Ao contrário, a reação de encantamento ao receberem os exemplares em mãos mostra que o contato físico e estético com o objeto-livro é condição indispensável para a formação de leitores.

A produção textual, em ambas as séries, revelou-se um espaço privilegiado de autoria e de inserção cultural. No 6º ano, as múltiplas versões de Cinderela permitiram que os alunos colocassem suas identidades e repertórios no centro da narrativa, enquanto no 7º ano a escrita em primeira pessoa deu voz à indignação da bruxa, aproximando literatura e experiência social. Esse movimento confirma que a leitura literária mediada com criticidade pode favorecer tanto a expressão pessoal quanto a reflexão coletiva sobre injustiças e padrões sociais.

Os jogos, por sua vez, funcionaram como recursos de síntese e expansão das aprendizagens. Ao mesmo tempo em que reforçaram a compreensão textual, abriram espaço para improviso, humor, cooperação e competição saudável. O caráter estético das produções — tabuleiros ilustrados, cartas criativas — surpreendeu os alunos e conferiu legitimidade à prática, demonstrando que a escola também pode ser espaço de invenção e ludicidade.

Finalmente, o reconhecimento da professora regente evidencia a relevância institucional e pedagógica da experiência. O pedido para compartilhar os jogos e

atividades com outras turmas mostra que a proposta extrapolou o âmbito da regência, projetando-se como possibilidade de inovação metodológica para o ensino de literatura na rede municipal. Ao unir leitura, escrita e ludicidade, a experiência analisada não apenas contestou o discurso da “crise da leitura”, mas demonstrou que a literatura, quando mediada de forma criativa e significativa, mantém sua capacidade de mobilizar, emocionar e transformar.

Os resultados obtidos confirmam a crítica de Andruetto (2017) à ideia de que “antes se lia mais”. O entusiasmo dos alunos diante das obras *Cinderela e o baile dela* e *A bruxa do breu* mostra que não há rejeição intrínseca à literatura, mas carência de mediações que façam sentido para os estudantes. Ao receberem os livros em mãos, os alunos demonstraram encantamento pelas narrativas e ilustrações, evidenciando que o contato direto com o objeto-livro é uma condição fundamental para instaurar uma experiência estética. A crise, portanto, não está no leitor em potencial, mas nas formas de abordagem que, por vezes, esvaziam a potência literária em práticas escolares burocratizadas.

Nesse ponto, a ênfase de Bajour (2012) na escuta como fundamento da mediação torna-se visível. Nas rodas de conversa que sucederam as leituras, os alunos foram ouvidos em suas interpretações e puderam expressar suas identificações e críticas. A escuta docente legitimou as leituras plurais – a Cinderela reinventada como gamer ou kpopper, a bruxa indignada diante das injustiças – e mostrou que o papel do mediador não é oferecer respostas prontas, mas abrir espaço para que as vozes estudantis se articulem com as vozes literárias. Esse movimento reforça a ideia de que a sala de aula pode ser uma comunidade leitora, na qual o texto ganha novos sentidos a partir da circulação coletiva.

A proposta também se insere no horizonte do letramento literário, conforme delineado por Cosson (2021). Ao reescreverem a história da Cinderela e assumir a voz da Bruxa do Breu, os alunos não apenas compreenderam o enredo original, mas se apropriaram da literatura como prática de autoria. Essa apropriação desloca a leitura da posição de objeto de avaliação para a de experiência estética e criativa, na qual a literatura é lida, transformada e reescrita. Nesse sentido, as atividades revelam que o letramento literário não se limita à interpretação, mas implica também

a possibilidade de produção de novos discursos literários a partir da interação com os textos.

O trabalho com os jogos amplia a discussão de Rojo (2009) sobre os múltiplos letramentos, pois integra linguagem verbal, visual e lúdica em uma prática única. O tabuleiro, as cartas e as dinâmicas de improviso inserem a literatura em um ecossistema multimodal que dialoga com as culturas juvenis contemporâneas. Ao mesmo tempo, o fato de os jogos terem sido criados pelos próprios professores em formação conferiu autenticidade ao processo, mostrando aos estudantes que a literatura não é apenas um conteúdo distante, mas algo vivo, recriável e próximo de seus universos culturais. Essa dimensão multimodal contribui para romper a falsa dicotomia entre literatura e novas mídias, ao mostrar que a leitura pode se articular com práticas lúdicas sem perder densidade.

Os efeitos observados também dialogam com os estudos de Zilberman (1984) e Machado (2002) sobre literatura infantojuvenil. Para Zilberman, a formação do leitor passa pelo contato com obras voltadas ao público juvenil, historicamente marginalizadas na escola. Ao escolher textos de Tokitaka e Bigio, rompeu-se com a lógica da obrigatoriedade de clássicos descontextualizados, legitimando narrativas atuais e próximas ao cotidiano dos alunos. Já Machado (2002) defende a importância de apresentar os clássicos desde cedo, mas sem excluir obras contemporâneas. A comparação entre a versão tradicional da Cinderela e sua reescrita humorística ilustra exatamente essa perspectiva: colocar tradição e inovação em diálogo, promovendo tanto memória cultural quanto abertura à reinvenção.

Por fim, a experiência confirma a concepção de literatura como direito humano e prática social, defendida por Freire (1979) e Candido (2004). Freire entende a leitura como prática de liberdade, e esse sentido se materializou quando os alunos puderam ressignificar injustiças vividas por meio da voz da Bruxa do Breu. Candido, por sua vez, destaca que a literatura humaniza ao ampliar a percepção da realidade. O envolvimento afetivo dos alunos, a integração de um estudante autista por meio do jogo e o reconhecimento da professora regente sobre o potencial pedagógico da prática atestam que a literatura, quando mediada de forma crítica e

criativa, é capaz de transformar experiências escolares em vivências de pertencimento cultural e humano.

## Considerações finais

A experiência de mediação literária desenvolvida com as turmas de 6º e 7º ano da escola municipal de Dourados-MS permitiu confirmar que a literatura continua sendo capaz de mobilizar crianças e adolescentes quando mediada de forma crítica, criativa e significativa. Longe de confirmar o discurso da “crise da leitura”, as atividades realizadas mostraram entusiasmo, participação ativa e encantamento dos estudantes diante dos livros e das propostas pedagógicas. O gesto inicial de oferecer os exemplares em mãos já demonstrou que o contato direto com o objeto-livro é fundamental para instaurar a fruição estética e afetiva da leitura.

O trabalho com *Cinderela e o baile dela* e *A bruxa do breu* revelou o potencial das obras contemporâneas da literatura infantojuvenil para dialogar com os repertórios culturais e sociais dos alunos. A reescrita da Cinderela como skatista, gamer ou kpopper, bem como a voz indignada da Bruxa do Breu, mostrou que os estudantes podem se apropriar das narrativas e ressignificá-las a partir de suas próprias experiências. Essas práticas de produção textual evidenciam que o letramento literário se concretiza quando os alunos deixam de ser meros receptores e se tornam criadores, inserindo-se ativamente no processo literário.

A gamificação, materializada nos jogos *Fuga do Baile Dela* e *A Bruxa do Breu: O Show da Revolta*, potencializou a mediação ao unir leitura, ludicidade e autoria. Mais do que um recurso de avaliação formativa, os jogos se tornaram espaços de improviso, humor, cooperação e competição saudável, valorizados pelos alunos não apenas como atividade escolar, mas como experiência cultural. O envolvimento observado, em especial de alunos que frequentemente encontram dificuldades de engajamento, como o estudante autista que demonstrou alegria plena ao participar do jogo, confirma o caráter inclusivo dessa estratégia pedagógica.

Outro ponto relevante foi o impacto institucional da proposta: a professora

regente reconheceu o alcance das atividades, chegando a solicitar o compartilhamento dos jogos e dos textos produzidos para aplicação em outras turmas e escolas. Esse reconhecimento atesta que práticas inovadoras de mediação literária podem transcender a experiência pontual da regência e contribuir para repensar metodologias de ensino de literatura na rede pública. O caráter replicável das atividades, aliado à sua fundamentação teórica, demonstra que a experiência pode servir como referência para outros contextos escolares.

Em síntese, este artigo reafirma a literatura como direito e prática social (Candido, 2004; Freire, 1979), mostrando que, quando mediada com criatividade e abertura à autoria estudantil, ela se torna espaço de pertencimento, crítica e transformação. O cruzamento entre leitura de obras contemporâneas, produção textual autoral e ludicidade aponta para caminhos promissores na formação de leitores no ensino fundamental.

Assim, contribui-se para o debate proposto pelo dossiê “Literatura para jovens e crianças na escola: escolha, uso e mediação”, demonstrando que a escola pode ser lugar não de afastamento, mas de aproximação entre alunos e literatura, desde que a mediação reconheça a potência criadora que cada estudante carrega consigo.

Nesse horizonte, abre-se também a possibilidade de pesquisas futuras que aprofundem a análise do uso dos jogos como estratégia de mediação literária, investiguem os impactos da representatividade em narrativas infantojuvenis sobre a formação crítica dos estudantes ou explorem como práticas semelhantes podem ser adaptadas em diferentes contextos escolares. Tais desdobramentos podem contribuir para consolidar um campo de estudos que articule leitura, autoria e ludicidade, ampliando os caminhos de aproximação entre literatura e educação básica.

## Referências

ANDRUETTO, M. T. *La lectura, otra revolución*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

BAJOUR, C. *Oír entre líneas: el valor de la escucha en la mediación de la lectura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.



BIGIO, M. *A bruxa do breu*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2021.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TOKITAKA, J. *Cinderela e o baile dela*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1984.

*Recebido em: 30 ago. 2025.*

*Aprovado em: 24 nov. 2025.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: Felipe Rodrigues da Silva*

*Revisor(a) de língua inglesa: Lucas Mateus Giacometti de Freitas*

*Revisor(a) de língua espanhola: Milena Patrícia de Lima*

